



COMO FORMAR PARA SEREM CONTEMPLATIVOS TAMBÉM NA AÇÃO

Carlos Palmes, organizador de Cursos de Formação

A espiritualidade descrita nos artigos anteriores é bela e talvez nos faz experimentar uma certa saudade. O que fica claro é que devemos impregnar de espiritualidade toda nossa ação apostólica até o ponto que disto depende o ser ou não ser de nossa Vida Consagrada.

No campo apostólico temos alcançado grandes progressos em eficácia, organização, horas de trabalho, profissionalismo, dedicação abnegada, etc. Mas ao mesmo tempo, alguns experimentam um grande vazio. Tudo isto pode permanecer numa perfeita realização empresarial ou num profissionalismo de alta qualidade mas carente de espírito.

A pergunta que nos fazemos é esta: como formar os jovens para uma *Espiritualidade apostólica*?

Espiritualidade apostólica

Podemos descrever de modo simples o que é uma Espiritualidade cristã como um modo de seguimento de Cristo hoje e aqui, debaixo da ação do Espírito. É uma práxis habitual que acentua certos aspectos do seguimento de Cristo sobre outros, que num determinado tempo da história ou numa determinada cultura são um anúncio ou uma palavra viva para a sociedade ou para a Igreja. Assim se dá uma nova perspectiva desde que se enfocam todos os aspectos do ser cristão. Na espiritualidade cristã peculiar da V.R. todos os elementos que constituem a Vida Consagrada se manifestem em todo o seu vigor: a experiência de Deus, a comunidade, a pobreza, castidade e obediência, o apostolado, a inculturação, a opção pelos pobres, etc. Não é lícito esquecer uns para enfatizar outros.

Mas o que caracteriza e dá originalidade e força a uma espiritualidade é o enfoque que se lhe dá ressaltando algum aspecto importante em torno do qual todos os demais se harmonizam. E ao ressaltá-los, se dá lugar a diversas Espiritualidades. Por exemplo, a pobreza, a missão, a oração litúrgica, ou algum mistério da fé como a Trindade ou a Paixão ou a Ressurreição. Ou segundo o lugar, pode dar-se uma Espiritualidade oriental, ou francesa, ou latinoamericana, etc.

O que esteve presente em todos os artigos anteriores é a Espiritualidade apostólica que enfoca o seguimento de Cristo desde a missão evangelizadora. É a espiritualidade própria dos institutos de vida ativa que floresceram sobretudo a partir do século XVI e muito especialmente desde que foram aceitas oficialmente no ano de 1900 as Congregações apostólicas masculinas e femininas.

Como formar para a Espiritualidade apostólica?

Como já indiquei, a Espiritualidade apostólica deve abarcar toda a pessoa e todos os aspectos importantes do seguimento de Cristo; mas tudo se enfoca a partir da missão. Então cada um desses elementos assume conotações novas: a experiência de Deus já não porá o acento nas orações vocais e nos atos de piedade, senão na oração pessoal e no encontro com Deus na vida. A vida comunitária já não se centrará na observância regular senão nas relações pessoais e na missão. Os votos já não serão unicamente expressão da entrega a Deus, senão que adquirirão uma dimensão social de compromisso com o irmão. O apostolado enfatizará o aspecto da justiça, da opção pelos pobres, da inculturação, em resposta às necessidades mais urgentes de hoje.

Ao abordar o tema da Espiritualidade apostólica ressaltamos acima dos outros aspectos o da experiência de Deus por ser o mais importante e característico. Tem como que dois momentos: o encontro com Deus na oração pessoal, especialmente a contemplativa, e a extensão deste encontro à vida toda e muito especialmente à ação apostólica.



A pergunta, pois, que nos fazemos é a seguinte: Como formar para ser contemplativos também na ação? Nesta pergunta há uma palavra “inquietante” que é uma interpelação para uma práxis menos válida de entender o ser contemplativo na ação. É o advérbio também. Muito se enganaram ao interpretar que o definitivo em nossa vocação é trabalhar pelo Reino de Deus desde o raiar do dia até ao anoitecer. É o grande pecado da maioria dos agentes de pastoral em toda a A. L., um apostolado próprio de “funcionários” da Igreja. Se este trabalho não for acompanhado de uma vida entregue por amor, pode converter-se numa catarata de palavras que soam ocas porque não saem do forno, não saem impregnadas de convicção e de fogo. Dizem que o importante é encontrar a Deus em todas as coisas, trabalhar com reta intenção; que obras são amores e não o perder tempo numa oração ociosa, que para isto estão aí as monjas contemplativas.

Engano ingênuo! Não é possível descobrir a Deus em todas as coisas sem os olhos impregnados de fé e de amor; não é possível ser contemplativo na ação sem antes ser contemplativo na contemplação. E sendo contemplativo na contemplação, se poderá ser contemplativo *também* na ação.

1. Ser Contemplativo na Contemplação

Não se vê Deus diretamente nas pessoas e nas coisas. As pessoas e as coisas podem converter-se em *sinal* da presença amorosa de Deus quando já se O descobriu na intimidade da oração pessoal. É engraçado, os discípulos, depois da Ressurreição não são capazes de reconhecer a Cristo desde logo, apesar de estar falando com Ele. Maria Madalena chorava sua ausência; Jesus se apresenta e ela o confunde com o jardineiro. Os discípulos de Emaús partilham com Ele várias horas e o confundem com um caminhante qualquer. Os apóstolos escutam sua voz quando desde a praia lhes pergunta se pescaram algo e o confundem com um intruso que lhes dá conselhos desafortunados. Só o *reconhecem* quando Jesus repete o sinal que os translada ao mundo da fé e lhes descobre a realidade oculta de sua presença. Os de Emaús O *reconhecem* ao partir do pão porque em outras ocasiões havia realizado esse sinal. Os Apóstolos O *reconhecem* quando lhes diz que deitem a rede à direita porque em outra ocasião com estas palavras realizou o milagre. E Maria Madalena O *reconhece* quando Jesus a chama “Maria” no mesmo tom de voz com que ela tinha saboreado o carinho de sua intimidade.

Não é fácil descobrir a Deus presente nas pessoas e na realidade, se não se leva no interior aceso o fogo de seu amor. A Jesus não se reconhece na vida, se não se conheceu e saboreou antes o tom de sua voz, de seus gestos e palavras em longas horas de contemplação. A contemplação na solidão é o *Kairós* que *faz crer na fé e no amor*, o que faz caminhar para a identificação de critérios, de atitudes e de sentimentos com o Amado, o que introduz no diálogo interior e submerge no mistério de Deus inalcançável. Em seguida virá o momento da comunicação expansiva e do compromisso com o irmão, da ação apostólica, do encontro com Deus na vida e de uma nova dimensão contemplativa.

Esta classe de oração não pode ser superficial, como “de enchimento”, oração “*de passarinho*” que vai picoteando aqui e ali em orações, atos de piedade, momentos de reflexão. Esta oração pessoal não se detém em saber senão que leva a *saborear*, a “*sentir e gostar das coisas internamente*”; é a que conduz mais diretamente à *conquista da afetividade profunda* da pessoa até chegar a um verdadeiro enamoramento de Cristo, a que confronta a pessoa com o Evangelho e com a realidade e finalmente o leva à *transformação da vida*. Hoje muitos institutos religiosos assumiram o hábito de uma hora de oração pessoal diária e isto constitui a base de uma vida espiritual profunda e consistente. Mas ainda são muitos que, por seguir suas tradições, apóiam sua Espiritualidade sobretudo em atos piedosos e em orações vocais.

Fica, pois, bem assentada a necessidade de ser contemplativo na contemplação para encontrar-nos com Deus na vida e na atividade apostólica. A contemplação pessoal na solidão é a fonte e a contemplação em ação é o rio. Se seca a fonte, seca o rio. Se a fonte é abundante e contínua, o rio se estende e fecunda a vida.

Na formação é preciso ensinar a descobrir a Deus presente na realidade, mas isto não se consegue na base de introduzir com técnicas ocultas ou com truques psicológicos. Requer-se antes de tudo introduzi-los na “oração de coração”, em descobrir sua presença amorosa em todas as coisas para entrar em um diálogo de amor com Ele, que isto é propriamente a oração.

2. Ser Contemplativos Também na Ação

Deus está em todas as coisas e em todas elas pode-se encontrá-Lo; mas sem dúvida há lugares privilegiados onde Ele se manifesta mais claramente. Aonde encontrá-Lo?

NA NATUREZA. É como um livro aberto, fácil de ler para quem tem olhos puros. Contemplando uma noite estrelada, o olhar se funde na quantidade imensa de luzes que brilham e se perde nas distâncias quase infinitas; o sol poente nos fala da beleza fascinante e efêmera das criaturas; descobre-se a maravilha da vida vegetal numa espiga ou numa flor; os instintos e reações de um gato ou de um beijaflor. E sobretudo a maravilha do cérebro humano e a capacidade da pessoa de amar e de ser livre. Não é difícil escutar as palavras balbuciantes que tentam falar do Criador: “E todos quantos vagueiam me dão de Ti mil graças referindo, e todos os outros me ferem e deixam-me morrendo, um não sei que ficam balbuciando” (João da Cruz).

NOS ACONTECIMENTOS. Os de uma realidade social gritante que reclama justiça e solidariedade e os acontecimentos alentadores que são fruto da entrega generosa de muitos homens e mulheres de boa vontade. E também os fatos insignificantes de cada dia; nos que um espírito sensível descobre nas filigranas de uma história de salvação. Entram aqui também os grandes acontecimentos que chamamos “sinais dos tempos” e que marcam toda uma época, como a rebeldia da juventude frente à corrupção e à guerra; a pobreza institucionalizada e injusta do Terceiro Mundo; o resfriamento e a perda da fé onde impera a prosperidade materialista; a sede de Deus das multidões que se perguntam pelo sentido da vida...

NAS PESSOAS. Deus está presente neste ser tão admirável e frágil, no qual estão reunidos como num tubo todas as perfeições dispersas da criação. Ele o coroou de glória e dignidade, o fez Filho de Deus. E ao mesmo tempo Ele se fez pecador e contraditório. Um ser de grandes aspirações e capacidades esquartejado pelas doenças e pela ignorância. Deus se encarnou no coração de cada pessoa. Por isso se pode descobrir em cada irmão com o qual se cruza no caminho, mas sobretudo no rosto sofrido dos pobres famintos e dos desiludidos por políticos, dos humilhados por sua cultura, dos aterrorizados pela violência, dos menores abandonados, das mulheres postergadas, dos inimigos rechaçados, dos que padecem carência espiritual, moral, social e cultural (Cf. SD 178).

EM MIM. Com mais facilidade encontramos a Deus no irmão do que em nós mesmos. Mas quando vai crescendo a sensibilidade espiritual chega um momento em que se o descobre no mais profundo do próprio ser. “Te buscava fora e estavas dentro de mim”. É o que sucedeu a Santo Agostinho: “Deus é mais íntimo a mim mesmo que minha própria intimidade”. Ali de onde brotam os anelos mais pessoais, as ânsias de um amor insaciável, onde se escutam os gemidos do Espírito que clama “Abba, Pai”, está Deus presente como num templo vivo. “Não sabem vocês que sois templos de Deus e que o Espírito habita em seus corações?” (1 Cor 3, 16). Ele conhece o que penso, me abraça por de trás e pela frente (Sal 139).

NA PALAVRA. Ali o buscamos cada dia. Pela Sagrada Escritura “o Pai que está no céu vai amorosamente ao encontro de seus filhos para conversar com eles” (DV 21). Além do sentido objetivo que contém a Escritura há também uma palavra inesgotável que atravessa os séculos e que nos fala a cada um com um sentido novo em cada circunstância de nossa história pessoal e coletiva.

NA EUCARISTIA. Sobretudo ao celebrá-la pela manhã, se converte em alimento para o caminho; é fonte de vida, de fé, de força, de amor. Celebrada no fim do dia, é o “cume” aonde chegam todos os afãs e trabalhos do dia convertidos em história de salvação. E em cada momento é presença amorosa, intensificação sacramental de sua contínua manifestação em nossas vidas.

2.1. O apóstolo contemplativo

Santo Inácio de Loyola contribuiu para dar um novo estilo de Vida Consagrada ao desbancar a observância regular do centro da V.R. para colocar em seu lugar a missão evangelizadora. O apóstolo, urgido pelo anúncio da Boa Nova, não podia dedicar tempo ao canto das horas canônicas e à contemplação. Mas tampouco podia renunciar a ser contemplativo. O P. Nadal companheiro de Inácio e o que melhor compreendeu sua mente revolucionária o descreveu como um “místico da ação” e disse que sua espiritualidade consistia em “ser contemplativo na ação”. É uma nova expressão daquilo que Santo Inácio afirmava de si mesmo, que lhe era fácil “encontrar Deus em todas as coisas”. Ele explicitou um novo caminho de oração que já estava latente em muitos e que empalma diretamente com o que havia exercitado São Paulo e sobretudo o próprio Jesus. São

Paulo o expressava dizendo que tinha que “orar sempre sem parar”. Isto é o encontro com Deus que se estende a todo o tempo – sem omissão – e a todo o lugar, em todas as coisas.

2.2. É possível?

Acaso é possível ter a mente fixa em Deus a quem está absorto por um intenso trabalho apostólico? Alguns entenderam a continuidade materialmente – assim os Masilianos no século V – e deixando toda a atividade iam à montanha a rezar salmos e orações vocais. Mas ao entardecer sentiam fome e baixavam à cidade para pedir esmola. A gente se escondia para não encontrar-se com esses “ociosos”. Tampouco é possível conseguir uma continuidade psicológica sem pôr em perigo a saúde mental e a seriedade no trabalho. Como conseguir, pois, ser contemplativos também na ação?

A solução está *no campo afetivo*. É preciso chegar a viver “*num estado de amor*” a Deus e ao irmão que facilite e torne inclusive gozoso e necessário, o encontro com Deus em todas as coisas e pessoas. Não é tão difícil para quem tem o hábito da oração pessoal, porque ela o leva a um intenso crescimento na fé e o amor até chegar a uma estabilidade afetiva centrada no Senhor e nas coisas do seu Reino. É como o estado afetivo no qual vive uma mãe com respeito ao seu filho. Não é que ela esteja pensando continuamente nele; há muitas coisas em que pensar. Mas tem uma profunda vinculação afetiva com seu filho o que faz com que tudo o que acontece a ele repercute nela em forma de amor. Se a criança se feriu e vem chorando, a mãe sofre e o abraça. E se vem feliz contando o prêmio que lhe deram na escola, a mãe se sente mais feliz do que se ela o tivesse recebido.

No religioso (a) que vive em “estado de amor” todos os acontecimentos adquirem um sentido religioso, *religam* afetivamente e o põem em comunicação com o Senhor. Mas para chegar ao cume é preciso compreender a subida que costuma ser longa e penosa. Para chegar ao estado de amor é necessário passar pela “*conversão afetiva*”. O crescimento no amor – resultado da oração contemplativa e da ação apostólica – leva a sair de si mesmo para viver só para o Senhor e para os irmãos. A conversão está feita quando o religioso (a) já não tem interesses pessoais nem ambições de poder nem de dinheiro. O amor foi invadindo o coração e todo ele fica empapado pelos interesses do Reino de Deus. Agora experimenta que a fé se robusteceu e que encontra a Deus com mais freqüência e que sabe descobrir no sofrimento seu sentido salvífico. E sobretudo experimenta que ama mais aos outros, que tem mais espírito de serviço, que sabe colocar-se na situação do irmão, que vai crescendo a sede de Deus e a necessidade de entregar-se de corpo e alma.

Gostaríamos de *saber se já se realizou em mim* esta conversão. Não é difícil comprová-lo. Nos momentos de distensão e tranqüilidade em que não tenho uma preocupação imediata, quando me ponho a sonhar acordado, para onde voa espontaneamente meu coração? Se eu continuo sendo o centro de meus interesses e preocupações, o coração dará voltas sem cessar ao redor de mim e de minhas coisas, mas se o centro de minha atenção e afeto é o Senhor e os demais, será indício de que meu coração já se converteu. Já não vivo para mim, minha vida já deixou de estar centrada no egoísmo e se centrou no amor.

2.3. Modo concreto de realizar a contemplação na ação

A FÓRMULA DOMINICANA. Desde o século XIII os dominicanos utilizam um lema iluminador: “*Contemplata aliis tradere*”. O que se contemplou comunicá-lo aos demais. Alguém se retira à solidão para encontrar-se com Deus na intimidade da oração pessoal. Ali se enche o coração de amor e de fé e se sente a necessidade de fazer participantes os demais desta boa notícia. E se lança à ação apostólica. Esta é a única fonte de fecundidade apostólica. A mesma que João praticava e nos ensina: “O que temos visto e ouvido, o que temos tocado com nossas próprias mãos, o Verbo da vida... Isto é o que lhes anunciamos” (1Jo 1,1). Só aquele que teve uma profunda experiência de Deus é capaz de transmiti-la. O apostolado não consiste em fazer cronogramas e em repetir o que dizem os livros, senão em comunicar a vivência de Deus que se experimentou pessoalmente. Em vida consagrada 74 se faz uma bela descrição deste estilo de oração com palavras de Santo Alberto Magno e de Santo Agostinho: “É preciso saber que como a boa ordem da vida consiste em tender da vida ativa à contemplativa, também em geral a alma se volve utilmente da vida contemplativa à ativa para realizar com maior perfeição à vida ativa” (Alberto Magno). E Agostinho o recorda a Pedro que não pode guardar para si o experimentado na Transfiguração: “Desce, Pedro, tu que desejavas descansar no monte, desce e prega a Palavra, insiste a tempo e contra o tempo, argumenta e exorta, increpa com toda

longanimidade e doutrina. Trabalha, sua, padece alguns tormentos para chegar, pelo brilho e formosura das obras feitas com caridade a possuir isso que simbolizam os brancos vestidos do Senhor”.

2.4. Necessário, mas não suficiente

Por mais bela que seja a fórmula exposta, não parece suficiente para quem dedica a maior parte de seu tempo à ação apostólica. Nela se passa da contemplação para a ação e da ação para a contemplação. Mas se dá ainda uma *certa dicotomia*. Na contemplação me encontro com Deus e levo esta experiência aos demais. Mas na ação vou sentindo um desgaste que me faz voltar a oração. É como encher os depósitos da contemplação e, em seguida, derramar a água na ação e ficar vazio. Ainda bem, Deus está em todas as partes. Não haverá um modo de encontrar-se com Ele ao encontrar-se com o irmão? Não nos revelará o Senhor o último dia que foi Ele o encarcerado e o enfermo que visitamos? Por isso é preciso dar um passo mais.

2.5. Ser contemplativo também na ação

Não é necessário retirar-se para a solidão para encontrar-se com Deus, como se Ele só habitasse o deserto; também está no meio do barulho da vida, talvez também tenha que ter um ouvido mais agudo para reconhecer sua voz. Para nós que temos uma vocação apostólica deve ser um lugar privilegiado do encontro com Deus. Em vida consagrada 74 também se fala deste tema, mas lamentavelmente não se lhe dá a importância que merece nem se dá uma explicação adequada. Só se faz alusão a uma frase de Santo Inácio que fala de cultivar uma sólida espiritualidade de ação “vendo a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”. A frase exata está nas constituições da Companhia de Jesus (288) e diz assim: “Pôr o amor no Criador de todas elas (as criaturas), a Ele em todas amando e a todas nele”. É importante sublinhar que não só se trata de ver com um olhar de fé, senão de amar a Deus em todas as coisas e a todas as coisas em Deus. Porque é o amor que consegue a integração e a unidade das diversas atividades e da vida toda.

No processo de vida de oração se unem cada vez mais *oração e vida*. A própria vida se converte em matéria de contemplação ao descobrir Deus amorosamente presente nela. Isto não absorve a atenção que é preciso colocar na atividade que se realiza, mas sim me põem num contato instantâneo com Ele, talvez sem palavras. Pode-se descobrir em três passos:

a) Em um primeiro momento a pessoa tem como que uma *consciência difusa* da presença de Deus, algo assim como uma música de fundo que cria o ambiente cálido.

b) O segundo passo é o da oração propriamente dita “*um diálogo-flash*”, ao colocar-se em contato com Deus, talvez com uma palavra interior: graças, ajuda-me, ilumina-me, consola-o, cura-o ... segundo a situação.

c) Logo, no fim, se continua a ação *colaborando* na obra salvífica que o Senhor está realizando no coração de cada pessoa. É tomar consciência de estar atuando como instrumento em mãos de Deus e pôr toda a atenção e empenho na realização do que se está fazendo.

ONDE ESTÁ DEUS? No fim de contas é mais fácil descobrir as pegadas de Deus na beleza, na bondade, na verdade, na generosidade, das pessoas. Mas quando Caim assassina a seu irmão inocente, quando se oprime o fraco, quando se condena milhões de humanos à pobreza... Onde está Deus? É possível encontrá-lo? Sim, ali está Deus estupefato e impotente ante o filho rebelde. Ele se comprometeu a respeitar nossa liberdade, mas nos chama – como a Moisés – para ser libertadores do povo. Então sua voz é de *protesto* contra um mundo mal feito pelo egoísmo humano e nosso encontro com Ele se dá quando nos metemos a trabalhar para transformar esta história satânica em história salvífica. E então o contemplativo em ação se converte em *contemplativo na libertação*.

2.6. O exame – avaliação do dia

Um complemento da oração pessoal é o exame geral ao terminar o dia. Não é um mero recordar as faltas cometidas. O mais importante é num primeiro momento, *percorrer a história da salvação* que Deus realizou em mim e através de mim. Descobrir sua presença amorosa quando falei com aquela pessoa, ou quando se deu aquela “casualidade”, ou quando me ocorreu aquele percalço, ou quando me agradeceram o que fiz por eles... Esta reflexão no fim do dia empalma com a oração que fiz de manhã e faz brotar espontaneamente a *ação de graças*. Todo o dia esteve repleto da presença amorosa de Deus. Além disso, está claro, que também tenho

que examinar minha falta de correspondência ao amor, dar-me conta de minhas deficiências e fragilidades para pedir perdão e procurar superá-las no futuro.

Todo o exposto pode parecer demasiado complicado ou difícil de alcançar para quem está sobrecarregado de trabalho e preocupações. Eu lhe responderia: Ama e verás que não é só fácil encontrar a Deus em tudo, senão que se torna uma necessidade cada vez mais premente e gozosa. A dificuldade, a tem aquele que baixou seu nível espiritual e esfriou seu primeiro amor. Hoje o religioso (a) não se pode permitir o luxo de uma vida medíocre. Aquela famosa frase de K. Rahner se aplica com maior razão ao religioso: no fim do século “o cristão será um místico ou não será cristão”. Na situação de uma cultura pós-moderna, do homem descafeinado, da pseudo-religião da *New Age*, o religioso ou viverá radicalmente o evangelho ou nada terá que decidir no mundo atual.

2.7. A porta de entrada

Para chegar a ser contemplativo em ação não se requer ter arrebatamentos místicos nem carregar-se de cilícios. O segredo está em algo mais simples e mais evangélico: *a limpeza do coração*. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”. E o verão não só no céu, senão também na terra. Serão capazes de descobri-Lo espontaneamente em cada flor, em cada acontecimento e em cada pessoa... O mundo se lhes tornará transparente.

Que significa ter coração limpo? Compreendê-mo-lo ao ver certas pessoas as quais nos parecem livres de intenções pessoais, sempre disponíveis para ajudar e para fazer o bem. Ter coração limpo significa *ter uma só intenção*, buscar exclusivamente o Reino de Deus. E, portanto, abandonar as segundas intenções egoístas que contaminam as melhores obras. Dar uma esmola ao necessitado é uma boa obra, mas se o faço para que vejam que sou bom, deito a perder tudo (Cf. Mt 6,2). Daí a importância da *abnegação*. Esta é uma palavra antipática, mas muito evangélica. A abnegação não é outra coisa do que a outra cara do amor. Deve se renunciar a muitas coisas e ainda a si mesmo para que o amor a Deus e ao irmão invada o coração e para que a pessoa inteira se torne absorta pelos interesses do Reino de Deus... É este amor que unifica a vida e conduz à experiência habitual de Deus em todas as coisas.

Na formação. Por tudo o que foi exposto já se vê que a formação na Espiritualidade apostólica não se consegue com um curso de 15 dias nem é algo superficial. Supõe um longo processo que se inicia desde a entrada na vida religiosa e dura toda a vida. Na medida em que aumenta a fé e o amor – como resultado de uma vida de oração e de entrega -, se torna mais freqüente e profundo o encontro com Deus na vida e especialmente na ação apostólica. E quando se chega a viver num verdadeiro “*estado de amor*”, a oração se torna contínua e é uma fonte de paz e de alegria interior.

Acaba-se por ter o primeiro encontro de jovens religiosos (as) de A. L. em Cochabamba, convocado pela CLAR. Foi muito consolador ver que estes jovens concebem a revitalização da vida religiosa como a volta ao Evangelho e à centralidade da pessoa de Jesus. Não há que temer apresentar-lhes um seguimento de Cristo sério e exigente. O que querem é coerência e autenticidade evangélica.